

O AGAVE NA LITERATURA DE CORDEL, PARAÍBA (1940/1970)

Júlio César Miguel de Aquino Cabral¹

RESUMO

Este texto é parte da pesquisa que estamos desenvolvendo no projeto: memórias do agave a partir da literatura de cordel (UEPB/PIBIC, cota 2015/2016) e busca analisar os múltiplos significados que os cordelistas construíram em torno do agave, na Paraíba. Nosso estudo tem como delimitação temporal o século XX e como fonte a literatura de cordel. Aqui, neste artigo, abordaremos principalmente as imagens negativas acerca da planta, construídas como forma de resistência a uma nova lógica de trabalho, consequência da política de modernização do campo paraibano que o Estado desde os anos de 1930 vinha realizando. Uma das nossas análises, se concentra na associação do agave com as profecias do capa verde ou da besta fera, atribuídas pela cultura popular, ao Padre Cícero Romão. Como sustentação teórica para a nossa pesquisa, fizemos uso de relevantes estudos sobre cultura popular, realizados por Ginzburg (1987) Burke (2010) Bakhtin (1987) entre outros.

Palavra-chave: Cultura, cordéis, agave.

INTRODUÇÃO

O agave foi introduzido na Paraíba durante as primeiras décadas do século XX. Junto a isso se inicia uma série de discursos ideológicos que anunciavam a planta como a solução econômica para a Paraíba, nas palavras de Nunes (2007) o agave foi apresentado pelo estado, como *Redentor*, que além de reinstaurar o equilíbrio econômico, seria o símbolo da modernização pela qual o estado estava passando. Essa divulgação do agave, assim como as práticas de incentivo aos plantios de agave, fazia parte do projeto de modernização do campo, que segundo os pesquisadores, teria se iniciado em 1930.

Por outro lado, percebe-se a visão negativa que diversos cordéis vão ter sobre o agave, denunciando problemas, que na escrita do poeta popular, seria consequências da produção do agave. Em alguns casos analisados, os poetas diabolizam a planta, associando-a besta fera e ao capa verde.

Como o redentor (No discurso do Estado) se tornou o diabo (Nas representações dos cordéis)? Como a solução econômica da Paraíba, que era anunciado nos discursos oficiais se torna, em meio aos folhetos cordel, o responsável por inúmeras mazelas sociais? Essas perguntas estão na base do presente trabalho, partindo delas, analisamos os significados que os cordelistas agregaram ao agave, durante as décadas de 40-70 do século passado na Paraíba.

Esse texto é resultado de uma pesquisa, ainda em andamento, desenvolvida no projeto: memórias do agave a partir da literatura de cordel (UEPB/PIBIC, cota 2015/2016). Nesta pesquisa utilizamos como *Corpus* documental os folhetos de cordéis que tratam direto ou indiretamente do Agave, durante as décadas de 40 e 70 do século XX. Para se aprofundar nas problemáticas sobre o uso da literatura de cordéis como fonte, fizemos uso das teses de Cipriano (2010), Lima (2003) e Araújo (2007). Para entender a cultura do agave na Paraíba, utilizamos a tese de Nunes (2007) e Para fomentar teoricamente nosso trabalho, fizemos uso de conceitos desenvolvidos pela teoria social, encontrados em Burke (2002) e sobre cultura popular, utilizamos os estudos de Bakhtin (1987) Burke (2010) e Guinzburg (1987).

*Esse trabalho foi desenvolvido a partir do projeto de iniciação científica (PIBIC) com orientação da professora Dr^a Mariângela de Vasconcelos Nunes-UEPB.

¹ Graduando em História na UEPB- Campus III, bolsista no Projeto de iniciação científica (PIBIC) Cota (2015/2016).

A LITERATURA DE CORDEL

Apesar das variações sobre a data que os folhetos de cordéis começam a circular na Paraíba, a maioria dos pesquisadores, entram em consenso, que o processo se deu nas últimas décadas do século XIX. Entre 1920 e 1940, esse tipo de literatura já estava consolidada, tendo suas técnicas de produção e divulgação aperfeiçoadas. Surgiam Tipografias em diversas cidades paraibanas, popularizando os folhetos de cordéis, que até então se mantinham restritos a determinados espaços sociais.

Cipriano desenvolve em sua tese, uma importante reflexão sobre a mudança de âmbito cultural, ocorrida durante os séculos XIX-XX na Paraíba. Segundo a pesquisadora, com o processo de urbanização e modernização “(...) Quando se fortalece os discursos sobre o atrás contra as credences populares e tudo que, no período, fosse considerado superstição, outro espaço para o invisível é criado: a literatura de cordel”. (CIPRIANO, 2010)

Nessa perspectiva, o cordel assume a função de canalizar em si, diversas práticas culturais que estavam sendo marginalizadas, pelos discursos que se diziam “modernos”. Com isto, a literatura de cordel vai sendo um espaço de múltiplas representações, uma espaço de resistência, onde abriga tanto histórias populares, como os problemas sociais que fazem parte do cotidiano das pessoas ditas “comuns”.

Diversas pesquisas já ressaltaram a credibilidade que os folhetos tinham em meio a essas comunidades. Se de um lado a televisão e o rádio serviam de instrumentos para os discursos do Estado, os folhetos vão ser os veículos utilizados para divulgar as experiências no trabalho, na família, os medos e ambições, enfim o cotidiano das classes subalternas. De maneira nenhuma, isso significa que encaramos o cordel apenas como “porta voz” das ‘pessoas “comuns”’. Entendemos que nenhuma cultura é fechada em si mesmo, mas está sempre dialogando com as múltiplas realidades culturais que fazem parte da sociedade.

A análise da literatura popular perpassou sobre as mais diversas abordagens, algumas vezes sendo encarada de forma demasiadamente romântica, vista como a fonte da pura tradição popular, outras vezes foi ignorada pelas pesquisas, que a julgavam apenas frutos da imaginação. Entre a exaltação e o ostracismo oscilava as pesquisas sobre esse tipo de literatura. No início do século XX, Vladimir Propp com suas análises de contos populares Russos, contribuiu de forma significativa, para o aprofundamento das ciências sociais sobre os escritos populares, segure então, uma serie de pesquisas importantes que evidenciaram o valor dessa literatura, para se entender o contexto social das sociedades em que são produzidos. Propp

(...) organiza suas análises, apontando elementos de aproximação e de distanciamento entre a narrativa do conto e o universo cotidiano das sociedades em que o conto foi conservado, bem como a manutenção de aspectos próprios a épocas equidistantes, destoante do contexto em que, os mesmos, ainda são populares e populariza.²

Na historiografia, a escola de *Annales*, século xx, contribuiu de forma significativa, no que diz respeito, a ampliação da noção de Documento, que passou a englobar “Tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LEGOFF apud FEBVRE, 1949, p. 428). Nesta perspectiva, um novo leque de temas e de fontes se abriu para os historiadores, além disso, diversos historiadores criticaram o uso exclusivo de fontes oficiais, para as pesquisas históricas, onde se priorizava a história dos “Grandes homens”, marginalizando, dessa forma, as camadas “populares”.

² LIMA, 2003, pág. 14.

O historiador Robert Darton ao analisar os contos populares na França durante o século XVIII, fez a seguinte observação “ Apesar dos ocasionais toques de fantasias, os contos permanecem ligados ao mundo real ” (DARTON, 1986). Essa mesma lógica, trazemos para nossa análise da literatura de cordel, visando entender, como os problemas enfrentados no cotidiano, são representados nos folhetos.

Os agentes sociais, nas suas práticas aqui mais especificamente na sua produção cultural, interpretam a realidade a sua volta, atribuindo sentidos, símbolos para as suas experiências cotidianas. Ou seja, o cordelista, ao produzir seu folheto está recriando a partir de sua interpretação, o mundo em que está imerso (ARAÚJO, 2007). Nessa perspectiva, nossa pesquisa buscou interpretar essas formas de ver o mundo, procurando em meio às palavras dos folhetos, indícios que colaborem para entender os significados que os cordelistas PARAIBANOS deram ao Agave.

A INTRODUÇÃO E A DIVULGAÇÃO DO AGAVE NA PARAÍBA

Durante o século XX na Paraíba, aconteceu uma série de transformações que viriam a modificar a forma como as pessoas se relacionavam com o mundo. Essas transformações eram parte de um programa de modernização que se inicia, pelo menos de forma mais perceptível, a partir da década de 30 do século xx.

Desde o final do século XIX o nordeste vinha enfrentando problemas no seu sistema agrário, o cultivo de cana de açúcar em algumas localidades na Europa, fizeram com que as exportações de açúcar, principal produto da economia paraibana, entrassem em declínio, tanto pelas baixas do preço como pela diminuição da procura. O estado tenta suprimir os danos provocados pela crise do açúcar, incentivando a produção de algodão, que vinha sendo valorizado nos últimos anos. Entre outros motivos pela desorganização comercial nos EUA provocado pela guerra de secessão, porém, por diversos motivos a produção do algodão também começou a entrar em declínio no final do século XIX, tanto pelo fim da guerra quanto pela depressão que a economia mundial estava enfrentando (NUNES, 2006, pág. 98).

Nos anos seguintes a produção agrícola do nordeste concentrou-se no mercado interno. O que a princípio podia significar a regeneração da economia regional, culminou na crise de 1929.e na aversão ao sistema de monocultura. Em meio a esse contexto histórico, o Agave, planta de origem mexicana, começa a ser inserida na Paraíba (de forma comercial) no final da década de 30 do século xx. Seu cultivo é acompanhado por um discurso político-científico, que apresenta a planta como a solução econômica para a crise. Esse discurso faz do projeto de modernização do país proposto pelo governo de Getúlio Vargas, que tenta incorporar no campo, “Técnicas revolucionárias” fundamentada em discursos técnico-científicos. Para a divulgação dessa proposta, o governo utilizou de diversos meios, como o jornal, o rádio e até a exibição de documentários. Por esses meios, o estado tentava propagar uma imagem positiva do agave, e dos seus cultivadores, associando suas imagens ao ideal moderno de agricultor (NUNES, 2007).

A PRESENÇA DO AGAVE NOS CORDÉIS

Na nossa análise, sobre as representações do agave na literatura de cordel, detectamos a construção de duas vertentes, ou seja, de duas formas do poeta se expressar a cerca da planta. Um material e outra que chamaremos, nesse trabalho, de “simbólica”. A separação é apenas para fins de organização do trabalho, pois ambas se entrelaçam. Começamos nossa análise pela primeira.

Na material o poeta enumera uma série de razões e consequências sociais que o plantio trouxe para a sociedade. Nessa perspectiva, aparece à fome, o desemprego, a imigração,

enfim, diversos problemas sociais que serão atribuídos ao agave, a exemplo do poeta Manoel Camilo dos Santos:

Qual o motivo do
Preço do milho e do feijão
Da batata arroz e todos
Gêneros de alimentação
É a falta de agricultura
Devido à imigração

A princípio, o poeta aponta para a causa do aumento de preços nos diversos gêneros alimentícios, atribuindo o problema a imigração, que por sua vez, também teve uma causa;

Porque os proprietários
Exageram dos foreiros
Os terrenos que ocupavam
Arrendatários e meeiros
E cobriram de agave
Pois lhe rendem mais dinheiro³

Aqui se torna evidente, a questão dos monopólios de terra, pelos grandes proprietários. Onde os pequenos agricultores, tendo a incapacidade de disputar com as grandes propriedades, que produziam em larga escala, tanto pela perda de terras, são obrigados a se enquadrarem ao novo sistema, vendendo sua mão de obra, e se adaptando a uma nova lógica de trabalho, disciplinado e mecanizado, ou recorriam à imigração, onde buscavam melhores condições de vida, esse êxodo rural contribuiu para o processo de urbanização.

Na primeira estrofe citada, o autor faz referências ao aumento no preço dos alimentos, podemos ver como uma das possíveis causas, o incentivo do estado, na produção externa, ou seja, na produção de fibras, do que investir na produção de batata, milho e feijão que produzidos para satisfazer as necessidades do mercado interno (NUNES, 2007). A diminuição dos alimentos causa logicamente o aumento do preço.

Outro cordelista que denuncia o monopólio de terras para o plantio do agave é Manoel pereira sobrinho

Existe rico que tem
Dez vinte léguas de terras
Quando um pobre pede um rancho
Ele quer fazer-lhe guerra (...)

Planta agave e nada mais
Nem cultiva e nem arrenda (...)
Não dá dado nem de meia
Se chama minha fazenda⁴
(...)

Novamente nota-se a denúncia das grandes quantidades de terras pertencentes a grandes proprietários os “ricos”, onde priorizam o plantio do agave, além do mais, outro ponto importante para esta pesquisa, é a denúncia do poeta de que além de não cultivar, ele também “não arrenda”, ou seja, não estabelece contratos, para que outras pessoas cultive em suas terras, em troca de determinada remuneração.

A outra forma que os autores representavam o agave em seus cordéis, era por meio de símbolos, associações e ressignificações. O exemplo mais relevante para essa forma é a associação que os cordelistas estabeleceram, entre o capá verde e o agave.

³ SANTOS, Manoel Camilo. **Como se endireita o mundo**, (sem data e local de publicação)

⁴ SOBRINHO, Manoel Pereira. **Getúlio fala ao seu povo**. (sem data e local de publicação)

As histórias do capa verde, circulavam, segundo as nossas pesquisas, antes da introdução do agave em solo paraibano. A profecia do capa-verde era creditada ao Padre Cícero Romão, que em um suposto sermão no Juazeiro⁵, teria predito os acontecimentos escatológicos que antecederiam o juízo final. Entre essas predições está o aparecimento do capa verde, ou da besta fera, pois ambos se encontram muito interligados nas narrativas. O importante é ressaltar que, nos cordéis, o capa verde sempre aparece, trazendo consigo uma serie de calamidades, levando os homens para a corrupção, afastando as pessoas da religiosidade, e trazendo, fome, guerra e peste. Um dos exemplos de associação entre a capa verde e o agave é percebido nos escritos do poeta Manoel Serafim⁶:

O Agave é o capa Verde
A profecia num mente
Veio como uma semente lastreando debaixo a serra
Veio pra nos fazer guerra
Afracou a produção
Deu um preço no feijão
E faltou farinha na terra⁷

Novamente a escassez de alimento vem à tona, no entanto, dessa vez o autor vai além, afirmando que o agave “ Veio pra nos fazer guerra “ levando o termo para a realidade dos lavradores, podemos interpreta-lo, como o combate entre as formas tradicionais de trabalhar a terra, e as imposições de outra forma de trabalho. O termo guerra é usado constantemente pelos cordelistas para designar um sinal importante do fim do mundo, e da chegada da besta fera ou do capa verde.

José costa Leite no cordel” Os sinais do fim do mundo e as três pedras de carvão”, escreveu:

De hoje em diante,
Veremos peste, fome, seca e guerra (...)
E o capa verde em ação
E a besta fera na terra⁸

Embora neste último cordel citado não apareça a vinculação do agave ao capa verde, é importante notar os termos que este e outros poetas empregavam para descrever a ação do o capa verde no mundo.

O mesmo autor, em outro cordel, se referindo ao capa verde, afirma que o mesmo trouxe : “(...) *Contradição , semeando confusão e aumentando o pecado*”⁹. “ destacamos aqui o termo *Semear* que se liga diretamente a agricultura, e ao termo *contradição* e *confusão*, que pode ser interpretado, levando em consideração as vivências dos agricultores, como resultado do choque entre culturas agrícolas, de trabalhos distintos.

Em confronto com essa visão negativa encontramos a opinião de Manoel Luiz dos Santos:

Lá na serra da Teixeira
Há um tesouro profundo
Que veio a face da terra
Com o seu valor oriundo
Estou vendo que o agave

⁵ Os poetas populares , a exemplo de José costa Leite, afirmam que o sermão teria acontecido no início da década de 30 do século xx, no entanto, não encontramos registros em outras fontes, o que torna difícil afirmar se o sermão realmente existiu, ou foi uma criação imagética dos cordelistas.

⁶ Até o presente momento de nossa pesquisa, Manoel Serafim é o primeiro cordelista a fazer a associação direta entre o capa verde e o agave.

⁷ SERAFIM, Manoel. **A verdadeira profecia do capa verde e sua embolada**. (sem data e local de publicação)

⁸ LEITE, José Costa. **Os sinais do fim do mundo e as três pedras de carvão**. (sem data e local de publicação)

⁹ LEITE, José Costa. **A negra velha da trouxa montada no bode preto**. . (sem data e local de publicação)

Futuramente é a chave
Que abre as portas do mundo¹⁰

Podemos interpretar que o poeta neste caso, ver no agave a esperança para o Nordeste, uma dádiva “Que veio a face da terra” para abrir as portas do mundo e da modernidade para esta região. A visão de Manoel Luiz adquiriu aqui, aspectos do discurso oficial sobre o agave.

Estamos diante de uma aparente contradição a incorporação do discurso oficial, pautado por teses agronômicas, a uma forma de escrita tradicionalmente usada por pessoas emergidas na cultura popular. A contradição é aparente, se abandonarmos a abordagem cultural que estabelece fronteiras entre a cultura dita popular e a cultura erudita quando se dividia de forma total, a cultura dita popular e a cultura erudita, oficial. Nessa perspectiva, ambas eram fechadas, seguiam padrões precisos e lineares, que deveriam ser detectados e rotulados.

Os importantes estudos de Peter Burke (2010) e Mikhail Bakhtin (1987) sobre cultura popular apontaram os problemas de tentar estabelecer limites, entre uma cultura popular e uma cultura da elite, como se houvesse uma barreira intransponíveis dividindo-as, Entretanto, de acordo com a noção de *Transgressão* desenvolvida por Bakhtin (1987), A existência dessa barreira, na prática não existe, pois, o que ocorre é a relação entre as culturas. Os espaços sociais são palcos de encontros, de mistura, de diferentes classes, múltiplas visões que inevitavelmente se chocam, misturando-se e apropriando-se uma das outras, criando novas formas de cultura.

Dessa forma acreditamos, na interação entre o discurso oficial, que em suas práticas discursivas colocavam o agave como a salvação, e a produção literária dos cordelistas, que em sua grande parte, tinham suas origens demarcadas por um ambiente de lavradores, que tiveram que se adaptar a uma nova lógica de trabalho resultado do projeto de modernização agrícola na Paraíba.

O PROCESSO DE ASSOCIAÇÃO

Como já foi exposto, notadamente a partir da década de 40 do século XX, nossa pesquisa detectou nos cordéis, uma associação entre o capa verde e o agave. Mas como se dá o processo de ressignificação? Quais os elementos que favorecem a associação entre a planta e o capa verde?

Para responder essas perguntas, começamos pelo uso das reflexões de Burke sobre as mudanças ocorridas durante a transmissão de uma cultura, Onde diz que “Toda reprodução de cultura é uma alteração, tendo em vista que em ação as categorias pelas quais se articula o mundo presente adquirem algum novo conceito empírico” (BURKE apud SAHLINS, 2002) nessa perspectiva, não é possível a reprodução total de uma cultura, sem alterações. Além disso, nos faz entender como uma tradição pode ser transformada ao ser transmitida, como aconteceu com as profecias sobre o capa verde.

Mesmo tendo suporte teórico para entender o processo de mudança na transmissão de uma cultura, surge outro questionamento: por que a associação do capa verde com o agave? Para tentar responder a essas perguntas, é necessário entender, que os lavradores possuíam uma forma própria de enxergar e se relacionar com o mundo. Uma série de significados atribuídos ao trabalho com a terra, formas de comércio e de agricultura. Esses conhecimentos foram adquiridos por meio da experiência, aperfeiçoados a cada geração pela prática cotidiana e passadas para gerações posteriores. Os lavradores deram significados à realidade, construindo um mundo onde se misturava elementos divinos com aspectos naturais, criando dessa forma, um mundo sacralizado, onde a chuva e a seca, são resultados das intervenções

¹⁰ SANTOS, Manoel Luiz dos. **Almanaque do Nordeste Brasileiro**. 1988 (sem local de publicação)

divinas. Também desenvolveram formas empíricas de prever os períodos de chuva e de estiagem, usando como meio, a observação de plantas e de animais. Em uma palavra, eles possuíam uma cultura já estabelecida. Com a chegada do agave, e a prática de uma nova lógica de trabalho mecanizado, essa cultura começou a enfrentar transformações. Acreditamos que a associação do capa verde com o agave se deu como forma de resistência a essas novas práticas.

Além do que já foi exposto, é importante enfatizar que os trabalhos no agave eram realizados em péssimas condições. Esse aspecto foi estudado por diversos pesquisadores, que usaram como fonte, entrevistas com lavradores que trabalhavam nos plantios de agave. Na tese de Nunes (2006) podemos notar, em meio às entrevistas, a frequente a denúncia por parte dos lavradores, que apontavam para a rígida disciplina, a exaustiva carga horária e a ausência de equipamentos de segurança, resultando muitas vezes em acidentes de trabalho, indo de ferimentos no corpo até a perda total da visão.

As vivências com a nova forma de trabalho aos poucos foram revelando contradições. Tanto pelas dificuldades de adaptação, como pelas frustrações por não encontrarem em sua realidade, como trabalhadores, os aspectos positivos que o discurso governamental pregou sobre o agave. Acreditamos que esses elementos, junto a ampla circulação de profecias, entre elas, a do capa verde, influenciaram de forma significativa para a associação entre o capa verde e o agave.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nenhum momento a intenção desse trabalho foi propor generalizações a cerca do objeto de nosso estudo. Mas é notável, até o presente estágio de nossa pesquisa, que, que grande parte dos cordelistas demonstrava uma contrariedade a cerca do agave, construindo dessa forma, visões negativas sobre a planta. O agave ganhou aspectos diabólicos em alguns cordéis, que apresentam a planta como a concretização da profecia do Padre Cícero Romão. Como foi exposto ao longo do trabalho, havia diversas razões para que essa associação fosse construída.

Entendemos isso, como práticas de resistência, operadas pelos cordelistas, contra as imposições ideológicas e matérias por parte do estado, que utilizou como já foi exposto, dos mais diversos instrumentos de divulgação, rádio, Jornais, e filmes. Notamos isso, não apenas levando em consideração, a oposição desses agentes sociais, as ideais de modernização propagadas pelo governo, mas, sobretudo, uma reação, as misérias e mudanças operadas no cotidiano dessas pessoas, após essas políticas de mecanização no campo. Pela qual mudou-se a lógica de consumo, de trabalho e a forma como se interage com a realidade.

Em contraste com a maioria dos cordelista, estudados nessa pesquisa, encontramos cordéis que apresentam o agave como a esperança para o nordeste. Essa diferença no discurso mostra o que teoricamente autores como Bakhtin, Burke e Guinzburg concluíram: Existe uma circularidade entre As culturas oficiais e subalternas.

Entre as décadas de 40 e 70 do século xx, o agave ganhou aspectos diabólicos e de redentor. Foi como o título do trabalho de Patsayev (2001) ‘o ouro verde no nordeste’, mas também veio para trazer guerra, como afirma o cordelista Manoel Serafim. Nessas múltiplas visões, podemos entender, como um fato histórico (A Introdução do agave em terras paraibanas) ganha diferentes interpretações, nas diversas camadas sociais. Nessa perspectiva, O atual trabalho, tentou, dentro de suas limitações, discutir as visões dos cordelistas sobre a planta do agave na Paraíba.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: Território (s) de tessitura de saberes.** UFPB. Tese. João Pessoa, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais,** São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **História e teoria social.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CIPRIANO, Maria do socorro. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba.** UFPE. Tese. Recife, 2010

DANTON, Robert. **O Grande massacre dos gatos: E outros episódios da história cultural Francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GUINZSBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: O cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição,** São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LIMA, Marinalva, L. **Narradores do Padre Cícero: Do auditório à bancada.** Fortaleza: Editora da UFC, 2000.

_____. **A morte na literatura de cordel.** USP. Tese. São Paulo 2003

NUNES, Mariângela D.V. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (Paraíba, 1937-1966).** UnB. Tese, março de 2006.

Cordeis utilizados:

LEITE, José Costa. **Os sinais do fim do mundo e as três pedras de carvão.** (sem data e local de publicação)

_____. **A negra velha da trouxa montada no bode preto.** . (sem data e local de publicação)

SANTOS, Manoel Luiz dos. **Almanaque do Nordeste Brasileiro.** 1988 (sem local de publicação)

SANTOS, Manoel Camilo. **Como se endireita o mundo,** (sem data e local de publicação)

SERAFIM, Manoel. **A verdadeira profecia do capa verde e sua embolada.** (sem data e local de publicação)

SOBRINHO, Manoel Pereira. **Getúlio fala ao seu povo.** (sem data e local de publicação).